

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2019



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa),
Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto Fernandes, Denise Calado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa),
António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo),
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid),
Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles),
Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (EU Business School - Barcelona) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa),
Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz
(Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universitat Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnes García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), André Carneiro (Universidade de Évora), Carlos Martins de Jesus (Universidade de Coimbra), Fábio Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fernando Bermejo Rubio (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Inês de Ornelas e Castro (Universidade Nova de Lisboa), Inês Vaz Pinto (Sítio Arqueológico de Tróia), Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra), Javier Andreu Pintado (Universidad de Navarra), José Luís Brandão (Universidade de Lisboa), Juan José Castillos (Instituto Uruguayo de Egiptología), Maria de Fátima Rosa (Universidade Nova de Lisboa), Marta González González (Universidad de Málaga), Pedro Carvalho (Universidade de Coimbra), Raquel dos Santos Fumari (Universidade Estadual de Campinas), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Susana Schwartz (Universidade de São Paulo), Victoria Emma Pagán (University of Florida).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013, UID/HIS/04311/2019 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 MATERNIDADE E FILICÍDIO

MATERNITY AND FILICIDE

Maria de Fátima Sousa e Silva

31 THE ENEMY AT THE CITY GATES.

Seven against Thebes, 287-368

Marta González González

51 ESTUDOS

ARTICLES

53 DEUSES BANQUEIROS:

uma seleção de contratos paleobabilônicos de empréstimos
feitos por templos

BANKING GODS:

a selection of Old Babylonian temple loan contracts

Lucas G. Freire

77 A "TERRA BÍBLICA" DO PRIMEIRO TESTAMENTO:

construção de um espaço religioso

THE "LAND OF THE BIBLE" OF THE FIRST TESTAMENT:

building of a religious space

Sofia Beato

93 "A MALDIÇÃO DA MÚMIA".

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de
Tutankhamon

"THE CURSE OF THE MUMMY".

Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun

José das Candeias Sales & Susana Mota

- 119 A DIMENSÃO VISUAL DO CÂNONE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA
THE VISUAL DIMENSION OF THE CANON IN CLASSICAL ANTIQUITY
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 139 A HÉLADE EM ROMA.
A recepção do estilo de vida da aristocracia ática através das *fabulae palliatae* de Plauto: a alimentação, as heteras e o *damnum*
GREECE IN ROME.
The reception of the lifestyle of the Attic aristocracy through Plautus' fabulae palliatae: the food, the hetaerae and the damnum
Álvaro Martinho
- 165 ALARGAMENTO DO DOMÍNIO ROMANO NA ITÁLIA CENTRAL EM MEADOS DO SÉCULO IV A.C.
EXPANSION OF ROMAN POWER IN CENTRAL ITALY IN THE MID-4TH CENTURY B.C.
Filipe Carmo
- 187 RIFLETTENDO (SU) LUCIO (ANNEO SENECA), UN POLITICO IN FILOSOFIA E UN FILOSOFO IN POLITICA
REFLECTING UPON LUCIO ANNEO SENECA, A POLITICIAN IN PHILOSOPHY AND A PHILOSOPHER IN POLITICS
Carlotta Montagna

219 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 221 OS TOPÓNIMOS PRÉ-ROMANOS DA HISPÂNIA:
a propósito dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, VI
PRE-ROMAN TOPONYMS IN HISPANIA:
on the Monumenta Linguarum Hispanicarum, VI
Amílcar Guerra
- 235 HOMENAGEM A ALICIA MARAVELIA
TRIBUTE TO ALICIA MARAVELIA
Telo Canhão

251 RECENSÕES

REVIEWS

333 IN MEMORIAM

341 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

MATTHEW SIMONTON (2017), *Classical Greek Oligarchy – A Political History*. New Jersey, Princeton University Press, 376 pp. ISBN 978-0691174976 (29,90€).

Professor na Universidade de Arizona, Matthew Simonton retoma neste livro o eixo principal do seu Doutoramento em Clássicas e Filosofia Antiga (*The Rules of the Few: Institutions and the Struggle for Political Order in Classical Greek Oligarchies*), no qual já procurava suprir a falta de um estudo actualizado e exaustivo aos mais de cem regimes oligárquicos que existiram no período Clássico na Grécia. Esta é uma lacuna que Simonton pretende continuar a preencher com este livro, um trabalho não tanto focado na ideologia e no pensamento oligárquico, mas na relação deste sistema com a sociedade que o rodeava, física e politicamente, e também consigo mesmo. Afinal, como é que um regime de “poucos”, contra a maioria, sobreviveu e chegou a prosperar em algumas *poleis* em plena explosão da democracia?

Tendo como base principal tanto os vestígios arqueológicos como as fontes literárias, sobretudo em temas onde pouco mais está disponível, o livro procura identificar e perceber as regras, normas e mecanismos que os regimes oligárquicos criaram ou recorreram para resistir ao ímpeto democrático e às pulsões por vezes tiránicas que emanavam do interior dos “poucos”. Ao longo deste percurso, o A. não se coíbe em comparar alguns métodos de actuação destas oligarquias clássicas com métodos de regimes autoritários contemporâneos, ou de explicar algumas das questões que se colocavam às elites com recurso à teoria dos jogos da matemática aplicada, tudo formas que encontrou para analisar os dilemas que os regimes enfrentavam, as suas soluções, e introduzir novos caminhos para o estudo das oligarquias.

Apontando como último estudo exaustivo sobre as oligarquias gregas o trabalho de Leonard Whibley (*Greek Oligarchies, Their Character And Organisation*, 1896), o A. aproveita os recentes trabalhos de sistematização de fontes sobre oligarquias gregas (Copenhagen Polis Center, *Inventory of Archaic and Classical Poleis*, IACP, Oxford University Press, 2004) para relançar o estudo a um sistema constitucional que, diz, apesar de amplamente referido, nunca mereceu tanta atenção historiográfica como a dedicada à democracia clássica ou à tirania arcaica. Tem por isso, como objectivo, responder a uma série de questões sobre a oligarquia: “What was the relationship between the rulers and the wider male citizenry (dêmos) of an oligarchically governed polis? To what extent was oligarchic rule contested by popular movements? And how might oligarchs have collectively responded in an attempt to retain their power? All of these questions will be concerns of this study” (p. 3).

Na busca por estas respostas, outras surgem e novas questões são suscitadas. Apesar da oligarquia estar bem referenciada nas fontes, os vestígios nem sempre são extensos o “suficiente”, obrigando a deduções e a alguns saltos no escuro. Esta é uma realidade que o A. assume desde o início, sublinhando que o estado de algumas provas permite reconstruções e interpretações divergentes das suas (“A warning to every potential reader: the patchy state of the evidence allows for extremely divergent reconstructions and interpretations”, p. x.). E, de facto, apesar de o livro cruzar fontes literárias com registos de práticas oligárquicas (inscrições, decretos, etc.), sente-se por vezes falta de mais substância na base de algumas afirmações – como a defesa pelo A. da existência de “redes de clientelas” sob protecção das elites (pp. 168-185). Mas estes casos são a excepção e não surpreendem dada a tarefa a que o livro se propõe.

Mais do que o pensamento teórico pró e contra pensadores, historiadores ou filósofos, o que o A. procura deslindar é o que os oligarcas realmente faziam e como actuavam no dia-a-dia, qual

a relação que mantinham com o *dêmos* e com os restantes membros da elite com quem partilhavam o poder: “The focus throughout is not on what ancient oligarchs and their critics said about them, or how elite thinkers theorized about them, but what they actually did. The book is thus the first attempt to collect and analyse the characteristic actions of Classical-era oligarchic states” (p. 7). Desta colecta e análise resulta desde logo uma nova visão sobre as origens da oligarquia, aponta o A.

Para Simonton, a oligarquia surgiu no final do séc. VI não como uma continuidade ou adaptação de um qualquer regime arcaico, mas como uma inovação reaccionária perante o crescente ímpeto democrático. Uma oligarquia não era qualquer regime onde o governo estava nas mãos de um número pequeno de indivíduos, antes uma alternativa específica que surgiu em reacção à democracia que, essa sim, defende, resultou de uma evolução gradual que espoletou na recta final do séc. VI. Mais do que uma quebra ou ruptura com os tempos anteriores, a ascensão da democracia foi gradual, acompanha o A., que também desconsidera a ideia de “revolução hoplítica”: “The military and political involvement of the non-elite, in other words, did not have to wait a revolution in armor and tactics” (p.43).

E assim que a democracia foi percebida como uma ameaça às elites, estas, um pouco por toda a Grécia, acabaram por criar um repertório similar de instituições e normas políticas e sociais com o único objectivo de travar a democracia: “The term for this bundle of defensive and reactionary techniques was oligarchia.” (p. 5).

Para consolidar a ideia de que a oligarquia foi uma reacção, uma novidade, o A. dedica parte do livro às diferenças entre a oligarquia clássica e a tirania arcaica. A comparação versa sobre a forma e conteúdo, sobre as relações extraclasse e intraclasse, as formas de tomada e retenção do poder e os mecanismos e métodos de actuação. Uma comparação que ajudará igualmente à explicação de como um regime tão criticado e pressionado como a oligarquia conseguiu, em algumas *poleis*, resistir por vários anos.

A durabilidade das oligarquias era um objectivo especialmente difícil de atingir, já que a sobrevivência do regime dependia de dois equilíbrios quase impossíveis: na relação com o *dêmos*, que apesar de politicamente ter poucos direitos não devia sentir-se ignorado, desrespeitado ou rebaixado; e na relação entre os membros da classe governante, onde era primordial manter egos, rivalidades e ambições apaziguados ou contidos. Um equilíbrio só possível com instituições criadas para: “a) kept the fractious elite in an equilibrium of unified cooperation, while b) engendering an equilibrium state of inaction among the members of the demos” (p. 73). Tendo estes pontos como objectivos, as instituições tinham de ser assim mais “práticas do que ideológicas”, especialmente à conta do primeiro objectivo. É que entre a elite todos se julgavam únicos e indispensáveis e não existiam mediadores entre si: a justiça era a dos próprios. “Oligarchies lacked the positive, mediating input of the demos as a tool for arbitrating between elite disputes. To make matters worse, they vested power in the hands of precisely those men with the greatest capacity for aggression. The need for effective institutions as a constraint on elite action was thus acute.” (p. 79)

As instituições, os julgamentos nocturnos, o exílio, o voto secreto, o voto exposto, o castigo forte o suficiente para impedir vinganças, os desaparecimentos súbitos ou a relação entre centro e periferia de uma mesma *polis* acabam assim por ser alguns dos pontos por onde o livro passa na procura de respostas sobre as formas de assegurar equilíbrios, mesmo que aparentes, sendo que cada resposta nos vai revelando um pouco mais de um complexo conjunto de regras, preocupações e ansiedades que condicionavam as elites, esmagadas entre a vontade popular e o receio dos próprios pares. Trata-se de uma complexa teia de auto-regulação e a autocontenção que condicionava de

tal forma o comportamento das elites que o A. acaba por extrair uma irónica conclusão: “Despite the fact that oligarchy was a regime nominally established for the benefit of the elite who ran it, members of the elite may have been much less free in certain respects to do as they please with their money and their time under oligarchy than under democracy. Oligarchs’ comprehensive need to check both their own behaviour and that of the demos in order to decrease the likelihood of stasis appears to have forced them in many instances to curtail their private choices for the sake of public order.” (p. 92)

Dividindo o seu trabalho em seis capítulos, alguns dos quais com várias ramificações, o A. coloca a estabilidade oligárquica como algo dependente sobretudo do desenho, eficácia e intenções das instituições oligárquicas e da relação do regime com estas. Se desenhadas de forma capaz de manter a elite unida, mesmo que à força, e o *dêmos* desencorajado, mesmo que à força, mais provável seria uma maior durabilidade da oligarquia, conclui. A *stasis* era não mais do que um sintoma de um falhanço institucional, diz.

Através do estudo dos vestígios e das fontes, do que estas nos dizem e mostram sobre as várias formas de actuação das elites e das instituições oligárquicas, o A. acaba por construir para os leitores um manual político sobre oligarquias ora assente no que “deve ser feito”, ora no “que não deve”, ora na força dos factores endógenos, ora na dos exógenos. Sem dúvida um livro determinante para perceber um pouco melhor (ou cada vez melhor) o porquê de nas mais de cem oligarquias contabilizadas no Clássico umas durarem tão pouco e outras tanto, e que preenche um pouco mais da tal lacuna no estudo de um dos regimes mais comum de uma das mais decisivas épocas da Antiguidade.

Filipe Paiva Cardoso

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

MICHAEL VICKERS (2015), *Aristophanes and Alcibiades. Echoes of Contemporary History in Athenian Comedy*. Berlin, De Gruyter, 241 pp. ISBN 978-3110427929 (€79.95).

Este livro de Michael Vickers é, como ele próprio referencia no início da obra, uma continuação do estudo que fez previamente da comédia ateniense: *Pericles on Stage: Political Comedy in Aristophanes’ Early Plays* (Austin, Texas, 2012). Logo no prefácio do livro em recensão, ficamos com uma ideia geral do seu conteúdo, verificando que nele se aborda essencialmente a temática política, no âmbito da comédia ateniense e, muito em particular, a figura de Alcibiades.

O período abrangido é maioritariamente o século IV a.C. Apesar de Aristófanes ser o principal autor em destaque no título, é de referenciar que Vickers preocupa-se também em juntar ao seu estudo outro dramaturgo, Eurípides, nomeadamente a informação colhida na peça *Íon*, na qual ecoa uma forte presença de Alcibiades. Trata-se de um capítulo apenas, mas este permite complementar o retrato de Alcibiades no panorama da comédia ateniense.

Em primeiro lugar, encontramos uma análise das comédias de Aristófanes e das figuras políticas em que este se foca com o intuito de as criticar. Essencialmente, Alcibiades e Péricles são

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
